

## **TRABALHO PRODUTIVO E TRABALHO IMPRODUTIVO: QUAL A NATUREZA DO TRABALHO DOCENTE?**

**Leonir Borges**

leonir\_borges@hotmail.com

*A burguesia despojou de sua auréola todas as atividades até então consideradas veneráveis e encaradas com piedoso respeito. Fez do médico, do jurista, do sacerdote, do poeta e do sábio seus servidores assalariados. (MARX, 1987, p. 78))*

De natureza bibliográfica o texto procura apreender a natureza do trabalho docente. A discussão da natureza do trabalho do docente, se se trata de trabalho produtivo ou trabalho improdutivo, demarcando uma diferenciação entre aquele que vende sua força de trabalho para o Estado daquele que a vende para o setor privado.

Escolhemos a epígrafe acima para demonstrar que o docente como qualquer outro trabalhador é um assalariado na sociedade capitalista. Para poder viver e (re)produzir sua existência tem que vender sua força de trabalho, quando encontra alguém no mercado disposto a comprá-la.

O propósito também é o de desmistificar alguns “*endeusamentos*” criado em torno dessa profissão, dentre eles, o de missão e vocação. Ao procurar caracterizar o trabalho docente, mesmo reconhecendo que há certa especificidade, parece ser uma tarefa difícil, dado entre outros motivos o de vivermos em meio a ideologias e fetiches de que o trabalho verdadeiro é somente aquele em que se produz algo de concreto, materializado, ou seja, trabalho produtivo, enquanto o improdutivo parece não ser tão necessário nas relações socioeconômicas.

De forma sintética o trabalho produtivo é aquele que tem o objetivo de produzir valores de mercadoria e excedente para o capital e gerar mais-valia, enquanto o improdutivo não é trocado por capital e não contribui, diretamente, para aumentar o capital.

Marx (s.d.) no capítulo VI inédito de O Capital deixa claro a definição dessas duas modalidades de trabalho. O exercício de uma determinada atividade pode num primeiro

momento se enquadrar como trabalho improdutivo e num segundo momento como trabalho produtivo. Por exemplo:

[...] Uma cantora que canta como um pássaro é uma trabalhadora improdutiva. Na medida em que vende o seu canto é uma assalariada ou uma comerciante. Porém, a mesma cantora contratada por um empresário [...] que a põe a cantar para ganhar dinheiro, é uma trabalhadora produtiva, pois produz diretamente capital. Um mestre-escola que ensina outras pessoas não é um trabalhador produtivo. Porém, um mestre-escola que é contratado com outros para valorizar, mediante o seu trabalho, o dinheiro do empresário da instituição que trafica com o conhecimento [...] é um trabalhador produtivo” (MARX, s.d. p. 115).

É indiferente, para o capitalista, a forma de trabalho, desde que seja produzido pela forma mercadoria e que produza lucro para o capital. Arrumavam-se

[...] camas, limpava-se chão, preparavam-se e serviam-se refeições, crianças eram cuidadas, doentes eram atendidos muito antes que pessoas fossem contratadas para fazer todas essas coisas. E mesmo depois que se contrataram empregados para fazer isso, essas atividades não eram de interesse para o capitalista, exceto em termos de seu conforto e despesas domésticas. Tornaram-se de seu interesse como capitalista quando ele começou a pagar pessoas para efetuar serviços como atividade lucrativa, como parte de seu negócio, como forma de produção no modo capitalista. E isto só começou em larga escala com a era do capitalismo monopolista que criou o mercado universal e transformou em mercadoria toda a forma de atividade do ser humano, inclusive o que até então as pessoas faziam para si mesmas e não para as outras. Com isto começou a atitude modificada do capitalista quanto à prestação de serviços, modificação que pode ser percebida tanto em suas maciças aventuras no setor no aspecto ideológico, na mudança de opinião quanto à prestação de serviço por parte dos economistas (BRAVERMAN, 1987, p. 306).

Isso também é válido para a profissão docente, cuja existência pode ser assinalada desde a Antiguidade, porém é com o processo de desenvolvimento do modo de produção capitalista e suas relações sociais – principalmente o período que marca o advento da grande indústria e a tomada do poder político por parte da burguesia – que o papel desempenhado pelo docente muda de configuração. Se a fábrica é um dos símbolos da sociedade capitalista porque reúne dezenas de operários para pôr em funcionamento o sistema produtivo, assim também é a escola que aglomera docentes que têm a finalidade de ensinar pessoas a ler e escrever e, conseqüentemente, o de colaborar (in)diretamente com a ordem social, política e econômica estabelecida, mantendo a ideologia dominante.

Importante aqui destacar que em França, pós-revolução (1789), à medida que a burguesia vai se tornando classe fundamental em luta real e permanente pela consolidação do poder

[...] busca tornar coesa toda a sociedade, e o trabalho hegemônico torna-se meio de consolidação da ideologia. A pretensão da burguesia não se limita, então, só à conquista do poder. Ela pretende, e isto para ela é imprescindível, tornar-se hegemônica. **Uma das vias que o trabalho hegemônico toma é a da instrução** (LOPES, 1981, p. 112. Sem grifo no original).

Para tanto, havia diversos caminhos e o da instrução significava a possibilidade de formar uma nova visão de mundo, a burguesa. A grande revolução promovida pelo Terceiro Estado contra o Primeiro e Segundo Estado, criou as condições necessárias para que o Terceiro Estado conquistasse seu espaço econômico e principalmente o político, superando a dominação feudal por meio da luta armada, como também da luta ideológica.

Entender a constituição e formação da profissão docente da forma que hoje está organizada faz-se necessário para a apreensão do papel desta categoria profissional na sociedade capitalista, ou seja, é uma categoria como qualquer outra que vende sua força de trabalho, é assalariada, explorada pelo capital, produz mais valia, com algumas especificidades, entre elas a de não produzir diretamente valor, o qual é produzido para outras esferas. Neste caso, trata-se daquele docente que vende sua força de trabalho ao Estado, não gerando diretamente a criação de valor e que, no entanto, transfere valor para outras esferas, uma vez que, aquele que vende para o dono de uma escola entra em uma outra relação, qual seja, o trabalho caracteriza-se na categoria de trabalho produtivo, contribuindo para o aumento da riqueza e da (re)produção do mundo das mercadorias.

Quando a pouco me referi que o docente não produz diretamente valor, o qual é produzido por outras esferas, é necessário, para um melhor entendimento, fazer alguns apontamentos da importância que esta profissão tem na sociedade capitalista no sentido de fazer circular – produzir e reproduzir – o mundo das mercadorias.

O docente não produz apenas aulas, conhecimento, ensina crianças, jovens e adultos a ler e escrever, mas cria a necessidade do direito educacional, de material didático-pedagógico, de uniformes, de construção de prédios, etc., cria também a necessidade de outros profissionais: do porteiro, da merendeira, pessoal de serviços gerais, orientador pedagógico, equipes de ensino e tantas outras funções necessárias ao funcionamento da escola.

Portanto, o docente corrobora para o desenvolvimento da (re)produção capitalista e de suas relações sociais. O funcionamento de escolas e da profissão docente faz funcionar e movimentar um vasto mercado: do vestuário, da alimentação, da construção civil, de transporte coletivo e particular e o material escolar e esportivo.

Por questões de espaço não será possível aprofundar as questões até aqui apontadas, mas acredito que as indicadas são suficientes para caracterizar a natureza do trabalho docente e a diferença entre aquele que vende sua força de trabalho ao dono de uma escola daquele que a vende para o Estado.

Palavras-chave: Trabalho Produtivo; Trabalho Improdutivo; Trabalho Docente

### **REFERÊNCIAS:**

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista:** a degradação do trabalho no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira. **Origens da educação pública:** a instrução na revolução burguesa do século XVIII. São Paulo: Loyola, 1981. (Coleção "Educ - Ação", v. 3).

MARX, Karl e ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista.** 6. ed. São Paulo: Global, 1987. (Coleção universidade popular, v. 1).

MARX, Karl. **Capítulo VI inédito de O Capital:** resultado do processo de produção imediata. São Paulo: Moraes, s.d.